

Biblioteca, coleção ou Arquivo Literário Haroldo Maranhão?

Library, Collection or Literary Archive Haroldo Maranhão?

Valéria AUGUSTI*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo discutir a natureza do acervo Haroldo Maranhão, atualmente sob a guarda do CENTUR (Centro Cultural Tancredo Neves). Em um primeiro momento discute os conceitos de biblioteca, coleção e arquivo literário para, em seguida, mapear a história do surgimento dos arquivos literários na França e no Brasil. Em seguida pretende demonstrar que a biblioteca e os documentos do escritor paraense, adquiridos graças a um convênio de cooperação firmado entre a Secretaria de Estado e Cultura e a Cia Vale do Rio Doce no ano de 2001, constituem um arquivo literário, resultante da atividade de um colecionador. De outra parte, procura demonstrar as possibilidades de exploração dos documentos do arquivo literário em questão, tomando como exemplo a análise dos documentos relativos à publicação dos textos literários do escritor, dentre os quais se incluem correspondências trocadas com editores e prestações de contas relativamente à vendagem de seus livros.

PALAVRAS-CHAVE: biblioteca. coleção. arquivo literário. Haroldo Maranhão.

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the nature of the Haroldo Maranhão collection, currently held at CENTUR (Tancredo Neves Cultural Center). It begins by discussing concepts of libraries, collections and literary archives, and then maps the history of the emergence of literary archives in France and Brazil. Next, it demonstrates how the library and the writer's documents from Pará state, acquired through a cooperative agreement between the State Secretary of Culture and the Rio Doce Company in 2001, constitute a literary archive, which resulted from the collector's activities. In addition, it seeks to demonstrate the possibilities of exploring documents of the literary archive in question. An example of this potential is the

* Doutora em Teoria e História Literária (UNICAMP). Professora da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal do Pará e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPA. E-mail: augustivaleria@gmail.com

analysis of the documents related to the writer's published literary texts, which include correspondence with editors and accounting documents related to the sale of his books.

KEYWORDS: libraries. collections. literary archives. Haroldo Maranhão

No ano de 2001 a biblioteca privada de Haroldo Maranhão foi adquirida pelo Estado do Pará graças a um convênio de cooperação firmado entre a Secretaria de Estado e Cultura e a Cia Vale do Rio Doce, passando, por conseguinte, a integrar o patrimônio da Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna.¹ Juntamente com os 6.000 volumes de livros que o autor paraense acumulara ao longo da vida, a parceria público privada adquiriu também uma série de documentos e objetos. “Diplomas, medalhas, desenhos, recortes, gravuras, fotografias, cartões postais”, correspondências trocadas assiduamente com amigos, célebres ou anônimos, acrescidos de “toda sorte de documentos, como procurações, cópias de testamentos, recibos, contratos de edição” (MEDINA, 2010, p.1) foram meticulosamente guardados pelo escritor e posteriormente passaram a fazer parte do acervo da Biblioteca Pública Arthur Viana. Ainda de acordo com Medina (2010), essa miríade de documentos foi classificada em dois grandes grupos: o primeiro reunia “contratos e prestação de contas com editoras, cópias de testamentos, material de pesquisa, correspondências oficiais, documentos relacionados a eventos literários, recibos, fotografias, recortes e qualquer documento escrito em papel timbrado” (MEDINA, 2010, p.14), todos eles acessíveis à consulta pública. O segundo grupo, cuja consulta lhe foi interdita à época, compunha-se de correspondências trocadas com escritores e outros destinatários, muito provavelmente membros da família de Haroldo Maranhão.

Por consequência, pode-se afirmar que muito embora o objeto principal das negociações estabelecidas entre o autor e o governo do Estado do Pará tenha sido sua biblioteca privada, o resultado extrapolou e muito esse objeto. Tendo isto em vista, discutiremos os conceitos de biblioteca, coleção e arquivo literário, de forma a demonstrar a importância dessa distinção relativamente às pesquisas sobre livros e

¹ A respeito de todo o processo que antecede a negociação, incluindo os esforços de vender a biblioteca para outras instituições, conferir: MEDINA, Juliana da Silva. *Três faces de Haroldo Maranhão: o leitor, o jornalista, o escritor*. 2010. 261 f. Dissertação. Mestrado em Estudos Literários. Universidade Federal do Pará. Belém, 2010.

documentos que constituem o acervo, agora público, do escritor paraense Haroldo Maranhão.

Começemos, pois, pela palavra biblioteca, que assumiu diferentes significados ao longo dos séculos. Em 1789, o *Diccionario da lingua portugueza* composto pelo padre Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, atribuía dois diferentes significados à palavra: livros postos em estantes ou armários; livros em que se apontam os autores de uma nação ou terra, com uma história de sua vida, escritos e censura deles. (SILVA, 1789) A primeira significação nos é muito familiar, pois entendemos que uma biblioteca seja constituída pela reunião de livros acondicionados em estantes num determinado local. O segundo significado nos parece mais opaco em virtude de ter caído em desuso juntamente com a prática que lhe era correspondente. A despeito disso, o conceito de biblioteca enquanto catálogo bio-bibliográfico² serviu para designar uma prática que teve importância histórica de grande relevância, uma vez que serviu à constituição dos patrimônios literários nacionais. No século seguinte, o *Diccionario da lingua brasileira*, publicado em 1832 por Luiz Maria da Silva Pinto, definia biblioteca como coleção de livros postos por ordem. O termo também poderia designar a “casa onde eles estão”, ou seja, o espaço físico que abrigava os livros e, finalmente, o “livro em que estão nomes de authores”, ou seja, um catálogo bio-bibliográfico. (PINTO, 1832, p. 152) Percebe-se, no entanto, que em ambos os dicionários está ausente outro significado que, seja em Portugal ou no Brasil, fora utilizado para designar empreendimentos editoriais que visavam a publicação de coleções de obras, geralmente pertencentes a um gênero literário em particular, como a “Coleção de Bons Romances”, por exemplo.

Dito isto, é preciso pensar em que consiste a biblioteca Haroldo Maranhão. Trata-se afinal, tão somente de uma reunião de livros acondicionados a princípio em um espaço de natureza privada - a residência do autor - e, após sua aquisição em 2001, em um outro, de natureza pública? As correspondências do escritor fazem crer que não. Elas revelam que tal biblioteca resultara da atividade de um colecionador: primeiras

² Os catálogos bio-bibliográficos geralmente eram compostos por inúmeros volumes nos quais se registrava a produção bibliográfica dos autores de determinada nação. Tais catálogos eram organizados em ordem alfabética, com a entrada pelo nome do autor, seguida de curta biografia e lista das publicações manuscritas ou impressas.

edições e edições autografadas são, inclusive, utilizadas para convencer possíveis compradores da pertinência do valor requerido por seu proprietário no momento da venda. (MEDINA, 2010)

É preciso esclarecer que o termo coleção designa, de maneira ampla e genérica, a reunião de objetos de uma mesma natureza, compilação ou ajuntamento. Pedrão e Murguia (2013, p. 397), em artigo que versa sobre Bibliotecas a partir da perspectiva do colecionismo, afirmam que as coleções geralmente reúnem objetos que têm um valor representativo o qual extrapola seu sentido original. Se um livro é um objeto que se compra e vende, sendo, a princípio, tão somente destinado à leitura, no interior de uma coleção esse livro, ao lado de outros, é portador de um novo significado, em que se acresce o valor sentimental, representando memórias e momentos de vida (PEDRÃO e MURGUIA, 2013). Por essa razão, uma coleção pode ser considerada um “conjunto de registros, seja de lugares passados, momentos ou pessoas que constituem a história do colecionador” (PEDRÃO e MURGUIA, 2013, p.397), estando, por consequência, carregada de história. História de quem?, poder-se-ia perguntar. História de um indivíduo e, no caso que nos interessa em particular, de um escritor. Agindo como uma extensão de sua personalidade ou, diríamos, de seus interesses e preferências, projeta-se para o futuro, na medida em que aquele que coleciona pretende se perpetuar, deixando um legado que ultrapassa sua própria morte. Em artigo acerca do colecionismo, Krüger enfatiza que, ao entrar no interior de uma coleção, o livro (ou qualquer outro objeto) é ressignificado, seu valor mercadológico dá lugar à sua negação, pois a coleção, afirma, “não tem preço”, razão pela qual rompe o ciclo do capital (KRUGER, 2014, p.73). Dessa perspectiva, a biblioteca Haroldo Maranhão não tem o mesmo significado de uma biblioteca pública, cujo acervo resulta de iniciativas de ordem institucional. Na origem das bibliotecas de colecionadores e, por consequência, na do escritor paraense, esteve, desde sempre, um nome. Daí a importância da integridade do conjunto das obras que a constituem, uma vez que os volumes tem significado relacional, ultrapassando aquele de cada um dos exemplares em separado. Não por acaso, o próprio Haroldo Maranhão, em correspondência dirigida à escritora paraense Sultana Levi Roseblatt, de quem buscava apoio para a venda de sua biblioteca nos Estados Unidos, assinalava que “uma coleção, seja do que for, é uma vida amontoada em partículas, cada uma delas um

desejo que se acariciou, que se fez sonho e pezadelo (sic) até chegar à alegria da aquisição” (MARANHÃO *apud* Medina, 2010, p.25). Por essa razão, ao longo dos anos em que tentou vender sua biblioteca a diversas instituições brasileiras e de outros países, o próprio escritor insistiu na necessidade de não vê-la desmembrada. Não desejava vender os livros que a compunham por seu valor unitário, ainda que pudesse obter dividendos significativos relativamente à comercialização de edições raras ou autógrafas. Dessa forma, ao adquirir a biblioteca do autor, a Vale do Rio Doce e a Fundação Cultural do Pará, àquela época representada por Paulo Roberto Chaves Fernandes, realizaram o desejo manifesto por Haroldo Maranhão desde o primeiro momento em que cogitara se desfazer de sua coleção de livros.

No entanto, a aquisição levada a cabo em 2001 incorporou, como assinalado anteriormente, séries documentais das mais diversas naturezas que se fizeram acompanhar dos livros. Tendo isto em vista, que outros termos seriam capazes de auxiliar na compreensão acerca da natureza desse conjunto documental e bibliográfico, bem como de sua magnitude e importância para os pesquisadores do campo da literatura? Começamos estabelecendo a distinção entre “arquivos” e “acervos. A palavra arquivo designa, essencialmente, “o conjunto de documentos de uma mesma origem”, enquanto que o termo acervo tem caráter mais abrangente, podendo ser constituído da reunião de vários arquivos, que podem não ser provenientes de uma mesma origem (PIMENTA, 2012, p. 56). Conforme observa Juliette Pinçon, a expressão “archives d’écrivains” pode ser utilizada para caracterizar uma diversidade de documentos conservados em coleções privadas ou públicas. O termo arquivo, no sentido mais geral, designa o conjunto de documentos que emana de um produtor, nesse caso, o escritor, seus manuscritos e documentos de trabalho, correspondências, documentos biográficos, dossiês e coleções”. (PINÇON, 2017, p.9)

O interesse pelos manuscritos e documentos de autores tem uma história. Na França ele surge concomitantemente à emergência da noção moderna de autor, mais propriamente no período compreendido entre 1750 e 1830, quando o autor adquire progressivamente um estatuto social, jurídico e econômico. Surge, então, o desejo, por parte de autores e da sociedade, de conservar os traços do trabalho de criação. (PINÇON, 2017) Desde o final do Século das Luzes os escritores começam a dar

importância ao manuscrito, objeto material e intelectual que deixa entrever traços de suas criações. Prova disto é que Victor Hugo, em 1881, decide legar sua obra manuscrita e gráfica à Biblioteca Nacional François Mitterand. O processo de patrimonialização encarnado no gesto do romancista francês abre uma via para a aquisição de inúmeros arquivos literários, constituídos por diversos suportes e tipos de documentos, dentre eles bibliotecas pessoais, correspondências, fotografias, etc. Esse movimento de patrimonialização da literatura e da criação literária culmina na criação de museus de escritores que têm seu auge no século XX, particularmente entre os anos de 1980 e 1990. Além da criação da *Fédération d'écrivains et des Patrimoines Littéraires*, dá-se, em 1988, a criação do IMEC-Institut Mémoires de l'édition Contemporaine que, por iniciativa de pesquisadores e profissionais da edição, passa a conservar e valorizar os fundos de arquivos consagrados às principais casas de edição e de atores os mais diversos envolvidos com o universo do livro e da criação literária contemporânea, incluindo-se um grande número de escritores do século XX e XXI. (PINÇON, 2017)

No Brasil, o surgimento de arquivos literários se dá em período próximo ao auge desse processo na França. Em artigo sobre o tema, Reinaldo Marques (2007) arrola as principais instituições e suas respectivas datas de fundação em território brasileiro, fazendo crer que se concentraram no período compreendido entre as décadas de 1960 e 1990. Em 1962 é criado, por iniciativa de Sérgio Buarque de Holanda, o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP), que abriga os arquivos de Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Mário de Andrade, dentre outros. Em 1972, o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, passa a se encarregar da guarda de fundos e coleções de diversos escritores brasileiros, como Abgar Renault, Agripino Grieco, Graça Aranha, João Cabral de Melo Neto, Vinícios de Moraes, etc. A partir de 1978, o Centro de Estudos Murilo Mendes (CEMM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), inicia suas atividades com a doação de parte da biblioteca e do acervo de artes plásticas do poeta juizforano Murilo Mendes. A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) cria, em 1982, o Acervo de Escritores Sulinos, organizando os documentos legados por Erico Veríssimo; em 1984 é fundado o CEDAE - Centro de Documentação Alexandre

Eulálio, no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, que atualmente abriga fundos os mais diversos, incluindo, dentre eles, a Biblioteca Lobatiana, composta por material exclusivamente impresso, o fundo Brito Broca, com manuscritos e impressos do crítico literário, o fundo Coelho Neto, que reúne correspondências do autor, etc. Alguns anos depois, mais propriamente em 1989, é criado, junto ao Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Acervo de Escritores Mineiros, composto pelos fundos documentais de Henriqueta Lisboa, Murilo Rubião, Oswaldo França Júnior, Abgar Renault e Cyro dos Anjos. O rol dessas instituições criadas com a finalidade de guardar a memória dos escritores parece se concentrar no eixo sul-sudeste, compreendendo os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. No entanto, essa impressão não é de todo verdadeira, uma vez que a partir de 1986, o Centro Histórico de Salvador recebe a Fundação Casa de Jorge Amado, responsável por abrigar os arquivos do escritor baiano e divulgar suas obras. (MARQUES, 2007)

Nesse contexto, de espectro nacional, cabe indagar em que medida o arquivo literário Haroldo Maranhão é reconhecido enquanto tal. Diria mais ainda: em que medida reconhecer que estamos diante de um arquivo literário pode mudar a perspectiva das pesquisas atuais sobre o autor e sua produção literária.

A dissertação de mestrado de Juliana Medina é exemplar quanto a essa segunda proposição. A descoberta dos documentos manuscritos do escritor paraense mudou quase por completo os rumos da investigação, que a princípio pretendia se dedicar aos exemplares de prosa de ficção que compunham sua biblioteca. A partir de então, a análise se voltou para a escrita da história da venda da biblioteca pessoal do escritor paraense, uma vez que as missivas relativas a esse assunto revelavam um Haroldo Maranhão colecionista, cioso de manter a biblioteca intacta em seu conjunto. A esse objetivo acresceu-se outro: o de investigar a relação de Haroldo Maranhão com seus editores, o que representava a possibilidade de perceber um autor do ponto de vista não de sua escrita, mas sim de sua atuação concreta no processo de publicação de seus textos.

O acesso às correspondências do escritor paraense permitiu acompanhar de perto as tratativas de Haroldo Maranhão concernentes à venda de sua coleção de livros e dos

demais documentos que dela se fizeram acompanhar. É importante lembrar que a conclusão da venda é tão somente o desfecho de um processo que se inicia em 1988 e se estende até 2001. Esse processo, que certamente poderia ser visto tão somente do ponto de vista burocrático institucional, concluído com a assinatura de um contrato de compra e venda, ganha uma perspectiva dramática, cuja duração revela os dilemas de um escritor que, em virtude do adoecimento e da necessidade de obter recursos para se tratar, se vê diante de da custosa e dolorida necessidade de investir de um valor pecuniário aquilo que em termos afetivos para ele não tinha preço, como o revela a carta-reposta à oferta que recebera da Universidade de Maryland, em 1988. Indignado com o cálculo do valor unitário dos volumes, pelos quais a universidade se propunha a pagar 100 dólares, Haroldo Maranhão responde:

A “espécie de contraproposta” de uma universidade não identificada, formulada por sua “bibliotecária principal”, é inaceitável simplesmente. O precioso acervo que reuni desde a adolescência, cujo preço foi estimado em bloco e não unitariamente, é claro, até porque não sou livreiro, não está à venda na bacia das almas! (MARANHÃO *apud* MEDINA, 2010, p.30)

A análise dos documentos relativos à publicação de seus textos literários, dentre os quais estavam inclusas as correspondências trocadas com editores e as prestações de contas relativas à vendagem das obras, permitiram: 1.tornar claras as interferências do autor no processo de edição; 2. compreender como se deu a recepção de suas obras pelo público leitor mais amplo.

No que tange às interferências no processo editorial, é exemplar o caso da publicação do romance *Tetraneto Del Rey*, a propósito do qual Haroldo Maranhão reclama ao editor da pequenez dos tipos utilizados nas provas, o que, a seu ver, poderia reduzir o espectro de leitores a ser atingido e, por consequência, a venda do livro. A esse respeito argumentava:

O visual é determinante na decisão do consumidor: Comprar? Não comprar? E não nos esqueçamos da larga faixa de leitores idosos, com problemas óbvios na redução da acuidade visual. (MARANHÃO *apud* MEDINA, 2010, p.134)

O autor também interferia na escolha das ilustrações dos livros infantis ou infantojuvenis, seara esta em que fez muito sucesso, como se assinalará adiante. Por ora, é importante mencionar o caso do livro *A porta mágica*. Insatisfeito com as ilustrações propostas por Célia Seybold, escreve ao editor Mário Sabino Filho, explicando as razões de sua recusa:

As pretendidas ilustrações empobrecem meu texto e o infantilizam. Desrespeitam o leitor para o qual é destinado, pré-adolescente e adolescente. E afastam peremptoriamente o leitor adulto. Escrito para adolescentes, o livro poderá e deverá sensibilizar universitários também e os pais dos leitores, e não os seus irmãos menores de seis anos, para estes sendo óbvia a proposta de ilustração. (MARANHÃO, *apud* MEDINA, 2010, p. 190)

Da perspectiva de sua aceitação pelo público leitor, a análise das prestações de contas das editoras permitem entrever um autor que, muito embora desejasse fazer sucesso com seus premiados livros para o público adulto, ganhou espaço significativo entre o público infantojuvenil. Demonstra, como assinalaremos a seguir, que a lógica do mercado muitas vezes pode ser, e neste caso o foi de fato, inversa àquela da crítica literária.

Seu primeiro romance premiado, *Tetraneto Del Rey*, vencedor da VI edição do Prêmio Guimarães Rosa em 1980 e publicado pela editora Francisco Alves, teve uma tiragem de 3.056 e vendeu 217 exemplares por ano, no período compreendido entre 1983 e 1992. O romance satírico *As peles frias*, ganhador do prêmio INL de 1981 e publicado em 1983 pela Francisco Alves em coedição com o INL, teve uma tiragem de 3.030 exemplares, dos quais 1.500 destinados ao Instituto Nacional do Livro e 1.500 destinados à venda, que chegou a 96 exemplares por ano. *Os Anões*, ganhador do prêmio José Lins do rego em 1982, e publicado pela editora Marco Zero, teve uma tiragem de 3093 exemplares, tendo vendido 262 por ano. (MEDINA, 2010)

Quando nos voltamos para os livros infantis e infantojuvenis, esse panorama se modifica significativamente. O *Dicionarinho maluco*, publicado pela Rocco em 1984, com tiragem inicial de 3.000 exemplares, esgota-se em 1987, vendendo cerca de 1.000

exemplares por ano. Nesse mesmo ano, ganha uma segunda edição, com tiragem de 4.000 exemplares. A obra *A árvore é uma vaca*, publicada pela editora Mercado Aberto, sai com uma tiragem de 5.000 exemplares, chegando a vender 863 exemplares somente no segundo semestre de 1988. Sendo objeto de mais duas reimpressões especiais, destinadas à FAE, Fundação de Amparo ao Estudante, atinge a marca de 2.900 exemplares ao ano. (MEDINA, 2010)

Os exemplos acima são suficientes para perceber que a consagração pela crítica literária não implica, necessariamente, o sucesso entre o público leitor mais amplo. No caso do escritor paraense, os romances valorizados pela crítica não obtiveram o mesmo sucesso editorial que aqueles destinados ao público infantil e infantojuvenil. Levando em consideração as tiragens das obras, percebe-se que estes últimos foram muito bem sucedidos, inclusive porque destinados às escolas.

Todas essas conclusões, que dizem respeito à relação do autor paraense com sua biblioteca, à interferência no processo de publicação de suas obras e, por fim, à recepção das mesmas pelo público leitor, somente foram possíveis graças ao acesso a esse conjunto de documentos que propomos denominar “Arquivo Literário Haroldo Maranhão”. Nomear de forma adequada esse conjunto de documentos, do qual faz parte também a biblioteca do escritor, é fundamental para que sua salvaguarda tenha por norte mantê-lo enquanto tal, protegido de possíveis desmembramentos. De outro lado, implica reconhecer a importância dos arquivos literários como lugares da memória, capazes de, como assinala Reinado Marques, constituírem em “importantes lugares de produção do conhecimento sobre a nossa literatura e cultura” (MARQUES, 2017, p.17), fomentando pesquisas com fontes primárias e incrementando o trânsito entre os saberes.

Referências

KRUGER, Constance von. A coleção-um gesto poético: uma leitura benjaminiana sobre o colecionismo. *Cadernos Benjaminianos*, Belo Horizonte, v. 8, p. 71-78, 2014.

MARQUES, Reinaldo. O arquivo literário como figura epistemológica. *Matraga*, Rio de Janeiro, vol 14, nº21,p.13-p.23, jul-dez. 2017. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga21/arqs/matraga21a01.pdf>. Acesso em: 08.08.2017.

- MARANHÃO, Haroldo. [Carta]. Brasília, 8.07.1982 *apud* MEDINA, 2010, p. 134.
- MARANHÃO, Haroldo. [Carta]. Rio de Janeiro, 8.07.1988 *apud* MEDINA, 2010, p.30.
- MARANHÃO, Haroldo. [Carta]. Rio de Janeiro, 9.03.1987 *apud* MEDINA, 2010, p. 190.
- MEDINA, Juliana da Silva. *Três faces de Haroldo Maranhão: o leitor, o jornalista, o escritor*. 2010. 261 f. Dissertação. Mestrado em Estudos Literários. Universidade Federal do Pará. Belém, 2010.
- PEDRÃO, Gabriela Bazan; MURGUIA, Eduardo Ismael. Formação das Bibliotecas: uma abordagem desde a perspectiva do colecionismo. *Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*, v. 19, n.2 – Jul./Dez. 2013, p. 397.
- PIMENTA, Márcio Flávio Torres. *Arquivos literários, lugares da memória: o caso do acervo dos escritores mineiros da UFMG*. 2012. 102 f. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UFMG, 2012.
- PINÇON, Juliette. *Les archives des écrivains, leur place en bibliothèque*. Memoire d'étude. Diplôme de conservateur de bibliothèque. Université de Lyon, 2017. Disponível em: <http://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/67311-les-archives-des-ecrivains-leur-place-en-bibliotheque.pdf>. Acesso em: 29.04.2019.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da lingua brasileira*. Ouro Preto : Typographia de Silva, 1832, p.152. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/02254100#page/152/mode/2up>. Acesso em: 01.08.2017.
- SILVA, Antônio de Moraes; Bluteau, Rafael, 1638-1734. *Diccionario da lingua portugueza* composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (Volume 1: A - K). Lisboa : Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 180.